

# CONVERSAS

## André TRIGUEIRO



**André Trigueiro é jornalista. Pós-graduado em Gestão Ambiental pela COPPE/UFRJ, foi repórter do jornal Última Hora, da Rádio MEC, da Rádio Jornal do Brasil (AM) e da TV Globo. Desde 1996, vem atuando como repórter e apresentador do "Jornal das Dez", da GloboNews - canal de TV a cabo, onde também produziu, roteirizou e apresentou programas especiais ligados à temática socioambiental. Acaba de publicar, pela editora Sextante, a coletânea de artigos *Meio Ambiente no Século XXI*. Neste bate-papo, Trigueiro – um militante da causa ambiental – expõe as suas visões sobre a noção de desenvolvimento sustentável, a questão da água, as Metas do Milênio da ONU e a presença da temática ecológica no mundo. Por Juliana Coelho Netto.**

**A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, discorre, no prefácio do seu livro "Meio Ambiente no Século XXI", sobre a falta de resultados práticos nas causas ambientais que são debatidas – chegando inclusive a empregar a expressão "[é como] falar para o espelho". Será que a fórmula adotada pelos ambientalistas está errada?**

Bom, quando se fala dos ambientalistas, está-se falando de uma colcha de retalhos, quer dizer, os próprios ambientalistas em muitos aspectos não se entendem com relação ao que deve ser feito e aos diagnósticos. É claro que precisamos nos ajustar e isso é um processo perene. À medida que há um avanço de consciência, à medida que há um mundo em transformação permanente, as estratégias de se comunicar com esse mundo vão mudando, vão se ajustando. Hoje, eu entendo que ainda se vive um período mais de *sombras* do que de *luzes*, na forma como a questão ambiental poderia ser trabalhada numa redação, justificando pautas e coberturas. É uma opinião pessoal. A forma como nos comunicamos precisa ser mais abrangente e mais contundente, principalmente nos assuntos de economia.

É um mundo globalizado em que se exalta mundialmente o consumo, sem se dar conta de que o consumo exacerbado é predatório. Assim, replicamos a informação de que o consumo "alavanca" - que é uma expressão que eles adoram na cobertura dos assuntos econômicos - PIB, geração de emprego e renda etc., e a grande questão é que precisamos refazer as contas e ver, ao fim, qual é a relação custo-benefício do consumismo, que é um assunto ambiental por excelência. Em algumas redações há muita dificuldade, ou talvez um pudor

excessivo, de tocar nessa ferida. Mas há inúmeros precedentes dentro da mídia - que é sustentada pela publicidade - de reportagens denunciando as mazelas do consumismo. Então, não cabe mais o discurso de "mas como a mídia, que é sustentada pela publicidade, vai abrir espaço para discutir o consumismo?" Isso já está sendo feito. Mais do que se imagina. O profissional de imprensa precisa ter um estoque de informações bem consolidado para poder sugerir o novo, sugerir o diferente. E este é o desafio que está colocado para o profissional de comunicação, neste início do terceiro milênio.

**Existe algum plano de reeducação para incentivar as sociedades em fase de reconstrução, aquelas que estão recomeçando do zero por conta das guerras e dos conflitos, a adotar princípios do Desenvolvimento Sustentável na construção de sua nova estrutura?**

Existe a premissa do Desenvolvimento Sustentável e o conceito não é entendido da mesma maneira por todos. Por exemplo, existe um artigo do professor Leonardo Boff no *Jornal do Brasil*, no ano de 2002, intitulado "Desenvolvimento In-sustentável", no qual ele observa que a palavra desenvolvimento tem origem na ciência econômica e presume a maximização do lucro. E que a sustentabilidade, que, por princípio, remete ao equilíbrio,

**"É um mundo globalizado em que se exalta mundialmente o consumo, sem se dar conta de que o consumo exacerbado é predatório"**

a um sistema equilibrado, sofre abalos quando a perspectiva do lucro é a questão mais importante.

É muito difícil você falar de desenvolvimento sustentável em escala global. Existe, sim, um norte magnético através da ONU, desde o relatório "Nosso Futuro Comum", da Comissão Brundtland, em 1987, que foi a pauta da Rio-92. A expressão incorpora as variáveis ambiental, econômica e social, e sinaliza o caminho para onde a humanidade deve seguir, ou seja, se a gente não atentar para o cuidado que se deve ter na obtenção de matéria-prima e energia para confeccionar produtos, nem a perspectiva de lucro vai estar assegurada no médio e longo prazos. Não dá para engessar o desenvolvimento sustentável e dizer "é essa cartilha, daqui pra frente". Cada um de nós vai se perceber dentro disso de um jeito. Dentro ou fora do jornalismo, há algo a ser feito, e, se não for feito, vai ficar cada vez mais difícil. O que está em jogo é a *sobrevivência*.

**"É muito difícil você falar de desenvolvimento sustentável em escala global. Existe, sim, um norte magnético através da ONU, desde o relatório 'Nosso Futuro Comum', da Comissão Brundtland, em 1987, que foi a pauta da Rio-92"**

**As Nações Unidas solicitam aos países industrializados que cumpram a promessa de destinarem 0,7% do seu PIB para a Assistência Oficial do Desenvolvimento, a fim de ajudar os países menos desenvolvidos e os em desenvolvimento a alcançar as Metas do Milênio. É o suficiente?**

Não acho que seja suficiente, e, sinceramente, acho muito difícil que essa meta seja cumprida. Mas entendo que existem avanços importantes, como o perdão das dívidas dos países pobres, ou a conversão desses valores em projetos sociais e ambientais. Há uma tendência de os grandes credores serem menos agressivos na cobrança de determinadas dívidas e o evento da Tsunami mostrou que existe uma chance de a humanidade promover grandes fluxos de capital, em caráter emergencial, no sentido de socorrer populações inteiras que foram impactadas por um desastre natural. E isso traz um novo alento, quer dizer, os fatos vão ensejando improvisações que são importantes na área de sustentabilidade. Eu só não gostaria de que a gente dependesse das catástrofes e das tragédias para mudar. Foi o que aconteceu por causa do apagão, aqui no Brasil, quando aprendemos a trocar a lâmpada, a não ter duas geladeiras em casa, a comprar o ar condicionado com o selo Procel, etc. Espero que não seja necessário termos um apagão hídrico para saber usar a água.

Agora, se é verdade que a parte mais sensível do corpo humano é o bolso, temos, pelo menos, a expectativa de

que, acontecendo uma nova tragédia ambiental, estaríamos criando uma janela de oportunidades para mudanças importantes. Então é um trabalho de longo prazo, não se pode ter pressa, isso não se resolve por decreto, ou por medida provisória.

**O ano de 2003 foi declarado pela ONU o Ano Internacional da Água. De lá para cá, o que mudou?**

Mudou o espaço na mídia para você falar desses assuntos, do uso sustentável da água. No caso do Brasil, por exemplo, que é campeão mundial de água doce, a gente instituiu a Lei Nacional de Recursos Hídricos, Agência Nacional de Água e a possibilidade de cobrança da captação da água bruta que, até então, era de graça. É importante reconhecer que, ao definir que 2003 seria o ano internacional da água doce, a ONU deu uma enorme contribuição para a disseminação de novos valores, novas posturas diante desse recurso que é finito, escasso e cada vez mais raro e caro. A água doce e limpa que ainda existe está sendo desperdiçada ou poluída de uma forma perversa. Essa campanha da ONU abriu os caminhos para que, por exemplo, a Igreja Católica promovesse, pela primeira vez em 40 anos, uma campanha da fraternidade inspirada em um tema ecológico, que foi justamente "Água, Fonte de Vida". Dez mil paróquias do Brasil inteiro discutindo o que pode ser feito em defesa da água. Qual é o resultado disso? Inimaginável!

**As mulheres são detentoras de consideráveis conhecimentos sobre fontes de água, localização, qualidade e métodos de armazenamento, não só em países em desenvolvimento, mas também naqueles falidos por conflitos. Como conscientizar essas mulheres de modo que se tornem aliadas na luta pela preservação da água?**

É um longo trabalho, como eu disse, isso é um trabalho para várias gerações, mas é um trabalho que está condenado a dar certo. Essa educação se resolve em diferentes níveis. O Dr. Fritjof Capra criou uma escola de ecoalfabetização, "ecoliteracy", como ele chama. A garotada aprende, entre outras coisas, a ir para a horta e ver como a semente germina, que vira uma planta, que ele mais tarde transforma em alimento na cozinha. Então, *you* vai preparar o alimento que viu brotar na terra, *you* vai ingerir o alimento, e *you* vai ter a consciência de que este alimento, depois de processado dentro de *you*, vai se transformar em outra coisa que pode ter uma finalidade útil e sustentável no ciclo em que aquilo se resolve. Para a criança, já podem se mostrar os ciclos em que a natureza se resolve. Porque o Universo já tinha suas leis antes de aparecer o primeiro ser humano, o primeiro *homo sapiens*...

Isso evita problemas como o que se viu na Alemanha, onde uma pesquisa revelou que a maioria das crianças acreditava que a origem do ovo era o supermercado! Foi necessário promover visitas guiadas para fazendas onde

a garotada visse a galinha, a vaca, o boi... Isso aconteceu na Alemanha, país onde a educação é de alto nível, onde quem está no poder é o Partido Verde.... Em Belo Horizonte, uma educadora ambiental contou-me uma história parecida. Como a da Alemanha. Ela perguntou aos alunos onde se plantavam as sementes? Eles respondiam: no chão. E a professora começou a ver que eles não conseguiam falar "terra". E ela se deu conta de que não havia terra no dia-a-dia deles. A maioria dos alunos mora em prédios cercados de asfalto e concreto.

***"O mundo está se urbanizando rapidamente. O Brasil deixou de ser um país caipira na década de 70. A população migra para as cidades, se multiplica de forma caótica, e se perde o contato com a natureza"***

Eles não tinham a experiência sensorial da terra, nunca viram uma lavoura, não tinham experiência de ver uma semente ser plantada e dali aparecer algo. O chão era a referência.

O mundo está se urbanizando rapidamente. O Brasil deixou de ser um país caipira na década de 70. A população migra para as cidades, se multiplica de forma caótica, e se perde o contato com a natureza. Então, de onde vem a água? Da torneira. De onde vem o ovo? Do supermercado. O leite vem de onde? Da caixinha. E a gente começa a viver numa redoma artificial e a perder o contato com esse mundo. Aqui, na Alemanha, em todo lugar.